

João Medina

O Pelicano e a Seara

A REVISTA HOMENS LIVRES

Texto Integral



Edições ANTÓNIO RAMOS

No decorrer das conversas dos homens que se reuniam na velha Biblioteca Nacional preconizava-se com insistência a necessidade de empreender uma acção renovadora do País, dando tréguas às escaramuças partidárias e acabando com as guerras parlamentares, optando antes por uma dinâmica em que todos os patriotas sinceros, ainda que situados em lugares adversos nas barricadas ideológicas, recusassem tanto a baixa política como o Bezerro de Ouro da oligarquia, trabalhando juntos para pôr cobro ao descalabro sistemático da vida portuguesa. Pretendia-se um plano de salvação pública, uma acção nacional capaz de promover realmente a melhoria da administração e as reformas que se impunham para evitar o advento duma ditadura de tipo fascista, cujo apelo já se fazia sentir entre nós com iniciativas do género da Cruzada Nun'Álvares, perigo que o mesmo Raul Proença, o ideólogo mais aguerridamente político da *Seara Nova*, não se cansava de denunciar na revista. A iminência do retorno de Afonso Costa ao Governo não podia, além de mais, deixar de aproximar a direita integralista e a esquerda seareira: ambos tinham o célebre "Ligório" – como lhe chamavam os inimigos figadais – na conta de um homem funestíssimo e porventura corrupto, suspeita que o caso dos 50 milhões de dólares viera adensar.

[...]

A intenção política superior do grupo estava numa espécie de recurso a uma ditadura de salvação nacional, regime com a duração meramente limitada à necessária promulgação de reformas e medidas inadiáveis.

***O Pelicano e a Seara*, João Medina, Lisboa, António Ramos, 1978, pp. 14-15, 20.**